

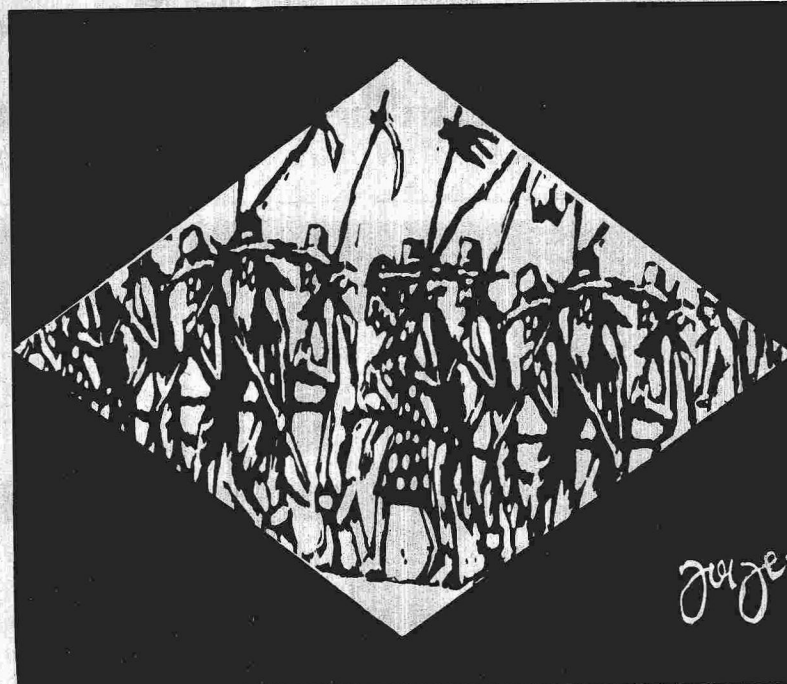
A economia brasileira vive há mais de uma década o agravamento da estagnação e da inflação, causando a deterioração do quadro social. Uma sucessiva série de planos econômicos ortodoxos e heterodoxos não foi suficiente para garantir os ajustes necessários à superação deste verdadeiro ciclo de estagnação que tem limitado a retomada do desenvolvimento.

A longa persistência dos desequilíbrios verificados na economia brasileira faz com que indicadores positivos importantes passem despercebidos da opinião pública, inibindo uma análise mais abrangente das perspectivas futuras quanto às chances e riscos da nossa economia.

Da mesma forma que há avanços, persistem problemas graves que impedem a decolagem da economia, de forma sustentada. A inflação resume e materializa o resultado destes desequilíbrios, agravando a situação social e a perda da qualidade de vida da população, em especial a mais carente. A crise iniciada nos anos oitenta já trouxe enormes dificuldades para a sociedade brasileira e precisa ser superada.

No entanto, o fato de não obtermos sucesso de curto prazo no combate à inflação tem levado ao equívoco da comparação da situação da economia brasileira atual com a de 1988 e 1989. De fato, o que temos de semelhante é a característica comum de final de mandato de governo.

No entanto, desconsiderando-se as variáveis políticas que não são objeto deste texto, uma análise mais abrangente do desempenho da economia brasileira dos últimos anos mostra uma ruptura ocorrida entre 1989 e 1990 com a eclosão da crise hiperinflacionária e o primeiro ajuste



### TEMOS INDICADORES MACROECONÔMICOS FAVORÁVEIS E UM LONGO CAMINHO A PERCORRER

representado pelo Plano Collor I. Esta necessidade de ajuste passou a ser quase que um consenso entre os vários segmentos representativos da sociedade brasileira.

Uma comparação de indicadores macroeconômicos selecionados ilustra o caminho do ajuste. Embora esse ajuste se mostre tímido, em relação ao ideal que propiciaria a eliminação dos desequilíbrios, e questionável pela crueldade do seu custo social vis-a-vis aos resultados alcançados, é uma constatação que o processo de reestruturação da economia brasileira mostra alguns avanços.

O custo desse ajustamento incompleto traz alguns indicadores preocupantes. Entre 1989 e 1992, o Produto Interno Bruto (PIB) caiu 4,3%, no

acumulado. Como consequência, o PIB per capita é cerca de 9% inferior ao de 1989. Os investimentos reduziram-se em 13,3% atingindo, em 1992, apenas 14,4% do PIB, o nível mais baixo do pós-guerra e insuficiente para propiciar um crescimento sustentado da economia.

Por outro lado, como indicadores favoráveis à estabilização temos a considerável diminuição do déficit público operacional que chegou a 7% do PIB em 1989 e reduziu-se para cerca de 2% em 1992. Parte deste desempenho deve-se à recuperação da carga tributária bruta que cresceu de 21,9% do PIB para 25,1% no mesmo período.

Outro destaque é a recomposição das reservas internacionais que saíram de um pa-

tamar de US\$ 7 bilhões em 1989 para US\$ 20 bilhões em 1992.

Do ponto de vista qualitativo, uma série de pontos até então intocáveis na economia brasileira apontam para um caminho de flexibilização. Dentre estes se destacam questões como a privatização, a abertura da economia, a liberalização de preços, a desregulamentação, a reforma portuária, a reserva de mercado para a informática, a inserção internacional etc.

Evidentemente, cada um destes pontos elencados é discutível e está longe de atingir o ideal em termos de resultado alcançado e mesmo de consenso na relação custo-benefício. No entanto, o "trend" daí resultante é positivo.

Todos estes indicadores nos remetem a duas questões fundamentais: a primeira é que avançamos no processo de ajustamento, embora este se mostre ainda insuficiente para garantir a estabilização; a segunda é que o custo social daí decorrente exige o avanço das reformas para propiciar as mínimas condições para a estabilização.

A realidade está dada. Temos indicadores macroeconômicos favoráveis e ainda um longo caminho a percorrer. É preciso sair dessa corda bamba entre a estabilização e o caos dos últimos anos. O desafio é viabilizar politicamente as reformas que se mostram imprescindíveis para encerrar o ciclo vicioso da estagnação e iniciar o ciclo virtuoso do desenvolvimento.

#### O AUTOR

Antônio Corrêa de Lacerda é professor do Departamento de Economia da PUC de São Paulo



*Economia - Brasil*